

Para revista, economia do País está afundando

NOVA YORK — “Está acabando o tempo para o Brasil?”, é a pergunta que aparece na capa do número de abril da revista financeira norte-americana *Institutional Investor*. “As maratonas das reestruturações da dívida externa conseguiram pouco para o Brasil além do tempo, mas não conseguiram desativar as bombas políticas e sociais. Algo tem de ceder”, diz a revista em seu artigo de fundo.

Observa ser verdade “que o Brasil surpreendeu alguns céticos ao superar o ambicioso superávit comercial de US\$ 6 bilhões que Delfim Netto prometera ao FMI no ano passado”.

“É verdade também que o FMI e os bancos aportaram bilhões de dólares para pôr em dia as contas do Brasil de 1983. Mas o otimismo que expressam alguns banqueiros e economistas ocidentais sobre isso é prematuro”, acrescenta. E sustenta que “uma perspectiva muito diferente surge das conversações substanciais que esta revista manteve com mais de 45 especialistas brasileiros e estrangeiros”.

“A economia brasileira encontra-se na pior depressão deste século e

continua afundando. O governo está desacreditado e desperta desconfiança no País e no Exterior. A esperança transforma-se em desesperança. A dívida externa, e o que deve ser feito a respeito, é a questão política número um”, segundo o artigo.

“Lamentavelmente, o plano econômico brasileiro aprovado pelo FMI oferece poucas esperanças de crescimento, necessário para dar emprego à nova geração.” Segundo a revista, “talvez a projeção mais otimista — a predileta dos grandes bancos norte-americanos — provenha do Instituto de Economia Internacional William Cline, de Washington. Cline projeta crescimento zero ou fracionado para o Brasil este ano mas antecipa uma brusca recuperação em 1985 e anos posteriores. Considera que em 1986 ou 1987 os bancos voltarão a emprestar voluntariamente ao Brasil, o que aliviará a crise de divisas do País”.

“Qualquer que seja a constelação de forças que surja da campanha deste ano, é seguro que estará muito mais atenta aos sinais de perigo das ruas e das fábricas do Brasil — e muito mais disposta a confrontar o FMI e os bancos com exigências de uma reestruturação geral da dívida” — conclui.